

O profeta Thomas Müntzer

Thomas Müntzer, um profeta?

Martin Dreher

I.

No contexto da história da Reforma, Thomas Müntzer é uma das personagens mais controvertidas. Lutero escreveu "uma carta aos príncipes da Saxônia a respeito do espírito da rebeldosa" (1), enquanto que os batistas de Zurique, mesmo tecendo críticas, designaram-no de "veraz e fiel mensageiro do Evangelho" (2). Estas duas maneiras de ver Müntzer perpassam a história. Ernst Bloch pôde afirmar: "Müntzer é, antes de mais nada, história em seu sentido fértil; ele é o que é seu e tudo o que é passado e que valha a pena ser anotado, está aí para nos comprometer, para nos entusiasmar a fortalecer sempre mais o que continuamente se dirige a nós" (3). Paul Althaus, em contraposição, vê "o lúgubre, negro fervor das idéias teocrático-taboritas" que ligavam Müntzer à "exasperação dos camponeses" confrontados com a "pureza ética" do posicionamento de Lutero na Guerra dos Camponeses (4).

— Müntzer atrai alguns e recebe o desprezo de outros. Qual a causa destes posicionamentos?

Hans-Jürgen Goertz reconheceu, a meu ver corretamente, que os historiadores que procuram esclarecer e justificar os posicionamentos de Lutero na Guerra dos Camponeses têm pouca simpatia para com os posicionamentos de Müntzer (5). Por isso, o "reformador sem Igreja" (6) ficou entregue aos historiadores marxistas (7). E, com isso, lamentavelmente, entrou na dança da briga entre cristãos

(1) "Ein Brief an die Fürsten zu Sachsen von dem aufrührischen Geist" de julho de 1524, WA 15, 210ss.

(2) Cf. Hans-Jürgen Goertz, *Der Mystiker mit dem Hammer*, in: Abraham Friesen e Hans-Jürgen Goertz, *Thomas Müntzer* (WdF CDXCI), (Darmstadt 1978), pág. 404.

(3) Ernst Bloch, *Thomas Müntzer als Theologe der Revolution*, (Frankfurt am Main 1962), pág. 9.

(4) Paul Althaus, *Luthers Haltung im Bauernkrieg*, (Darmstadt 1971), pág. 31 e 60.

(5) op. cit. pág. 405s.

(6) Cf. Eric Gritsch, *Reformer without a Church. Thomas Müntzer*, (Philadelphia 1967).

(7) Cf. Abraham Friesen, *Die ältere und die marxistische Müntzerdeutung*, in: Abraham Friesen e Hans-Jürgen Goertz, *Thomas Müntzer* (WdF CDXCI), (Darmstadt 1978), pág. 447-480, esp. 461ss.

e marxistas. Goertz formula essa situação magistralmente: "Müntzer caiu no moinho das discussões entre cristianismo e marxismo; e isso teve conseqüências funestas para a interpretação de seus escritos. Normalmente a teologia cristã não se sente atraída pela revolução; e o marxismo pouco consegue fazer com a teologia. Müntzer, no entanto, era duas coisas: revolucionário e teólogo" (8). Há sempre grandes dificuldades em se conseguir, na pesquisa, coadunar a argumentação teológica de Müntzer com sua agitação revolucionária. Alguns não entendem Müntzer por não quererem entender sua revolução, outros não o entendem porque não querem compreender sua teologia. Müntzer é um homem que procurou fundamentar a revolução teologicamente.

Quem era esse homem, qual sua teologia?

II.

Procuro apresentar Müntzer, colocando-o ao lado de seu grande opositor: Lutero. É impossível falarmos de um, sem falarmos do outro. A tragédia de um é a tragédia do outro (9). Ambos se preocuparam com Deus e sua Palavra, com seu Espírito, com sua revelação e com a vinda do Reino de Deus. Na compreensão que ambos tinham do Evangelho é que nós os podemos compreender, entendendo assim também suas divergências.

Müntzer nasceu, por volta de 1490, em Stolberg, na região do Harz, na atual República Democrática Alemã. Sua família fazia parte da burguesia, financeiramente bem situada(10). Pouco sabemos a respeito de seus estudos em Leipzig (1506) e em Frankfurt an der Oder (1512). Pouco sabemos também a respeito de sua atividade, após a interrupção de seus estudos, iniciados em Leipzig. Após alguns semestres de estudo, Müntzer abandonou os estudos em Leipzig para assumir a função de colaborador do ministério eclesiás-

(8) op. cit. pág. 406.

(9) A mais completa biografia sobre Müntzer nos é oferecida por Walter Elliger, *Thomas Müntzer. Leben und Werk*, (Göttingen 1975).

(10) Walter Elliger, op. cit., pág. 9ss. As estilisticamente belas formulações de Bloch não passam de fruto da fantasia: "Es war trübe um ihn von vorn an. Fast verlassen wuchs de junge düstere Mensch auf. Müntzer wurde als einziger Sohn kleiner Leute um 1490 in Stolberg geboren. Sein Vater hat er frühe verloren, seine Mutter wurde übel behandelt, man suchte sie, als angeblich mittellos aus der Stadt zu weisen. Der Vater soll, ein Opfer gräflicher Willkür, am Galgen geendet haben. So erfuhr schon der Knabe alle Bitternisse der Schande und des Unrechts". Bloch, op. cit. pág. 16. A mãe de Müntzer faleceu em fins de 1520 ou princípios de 1521. A morte do pai ocorre, quando Müntzer já se encontra em Mühlhausen, portanto após a morte da esposa. Cf. Elliger, op. cit., pág. 12 e 15.

tico e funções de mestre-escola(11). Aqui talvez tenha descoberto os vícios da vida eclesiástica de então. Em 1513 ou 1514 é ordenado sacerdote(12). Em 1516 conclui seus estudos em Frankfurt an der Oder. Ainda nesse ano assume as funções de prepósito no convento feminino de Frose/Anhalt, onde em 1517 e 1518 entra em contato com a discussão que se acende em torno do professor da Universidade de Wittenberg, Martin Lutero. Até 1520 Müntzer vai trocar por diversas vezes o local de suas atividades. Neste período, de 1517 a 1520, ele se torna adepto da causa luterana. Por indicação de Lutero, Müntzer se torna, em 1520, pregador do evangelho na cidade de Zwickau. Não há motivos que nos possam fazer duvidar da sinceridade de Müntzer ao abraçar a causa luterana.

Müntzer passou, assim como Lutero, por profundas dúvidas. Mas há diferenças nestas dúvidas. Enquanto Lutero quer entender Deus, cheio de sentimentos de culpa, medo e pavor de Deus, Müntzer enfrenta um sentimento quase nihilista da distância de Deus, desespera por não possuir a Deus e o seu poder. Sua pergunta é a pergunta pela existência de Deus e se a doutrina de Cristo é realmente doutrina vinda de Deus (13). Esta situação de Müntzer se reflete em palavras de uma carta sua: "Ai o homem pensa que não tem fé nenhuma. Sim, segundo lhe parece, não encontra fé alguma. Ele sente ou encontra um anseio muito pequeno à procura da verdadeira fé, que é tão fraco que mal e dificilmente consegue vislumbrar em si. Finalmente, ele o tem que arrancar de dentro de si, dizendo: 'Ai de mim, misero home, que me move em meu coração? Minha consciência consome toda minha seiva e força e tudo o que sou. Ah, que hei de fazer? Fiquei desorientado, sem qualquer consolo de me encontrar com Deus e a criatura. Deus me castiga com minha consciência, com descrença, desespero e com sua blasfêmia. Exteriormente sou atacado com doença, pobreza, miséria e todo o tipo de necessidade, da parte de gente má, etc... E isso me acossa interiormente muito mais que o exterior. Ah, como gostaria de crer direito, se tudo dependesse disso, se ao menos eu soubesse qual é o caminho correto. Sim, eu correria até o fim do mundo'" (14).

A semelhança de Lutero, Müntzer vai se ocupar com os místicos alemães. Desde 1516 Lutero animava seus alunos e

(11) Walter Eliger, op. cit., pág. 26.

(12) Walter Eliger, op. cit., pág. 39.

(13) Cf. quanto a todo o problema Hayo Gerdes, *Der Weg des Glaubens bei Müntzer und Luther*, in: Abraham Friesen e Hans-Jürgen Goertz, *Thomas Müntzer* (WdF CDXCI), (Darmstadt 1973), pág. 16-30.

(14) Carta citada em Gerdes, op. cit., pág. 23s.

adeptos a que lessem as obras de Tauler e de outros místicos alemães. Desde 1519 Müntzer começa a ler João Tauler e Henrique Seuse. A leitura destas obras marcou-o profundamente. Nas obras destes místicos encontrou a afirmação, que o tornou extremamente feliz, de que Deus primeiro lança a todos os seus amigos na noite do desespero — assim como ele, Müntzer, o havia experimentado — antes de permitir que o seu sol brilhe sobre eles. Nestes místicos, Müntzer encontrou, ainda, a afirmação — que ainda mais felicidade lhe trouxe — de que o eterno Deus, sem meios exteriores, se revela palpavelmente aos seus no mais profundo da alma. No sentido mais profundo da palavra, o homem pode sentir Deus e ter certeza absoluta dele. A única coisa indispensável, a ser feita da parte do homem, é a “desbrutalização” (Entgröbung) i.é, o abandono de tudo o que não é Deus. Müntzer tomou dos místicos aquilo que lhe faltava em suas lutas interiores: Deus pode revelar-se sem meios externos, mas ele tão somente se revela àquele que anteriormente experimentou a “noite”. Ele experimentara a “noite”, mas ainda não experimentara Deus (15). Nesta procura por uma experiência com Deus foi-lhe importante o encontro com o tecelão Nicolau Storch. Storch liderava, em Zwickau, um grupo de uma espécie de cristianismo leigo, encontradiço na Idade Média tardia. Estes leigos tinham bons conhecimentos bíblicos e diziam terem feito experiências com o Espírito Santo. Diziam eles que também os demais cristãos deveriam estar em condições de prestar contas de sua fé pessoal e de serem possuidores do Espírito (16). Neste grupo de Zwickau encontramos influências da linha taborita dos hussitas. Pretendiam eles erigir o Reino de Deus, eliminando todos os não-crentes. Müntzer adotou não só o cristianismo de Storch e de seu grupo, mas também a idéia da concretização terrestre do Reino de Deus, difundida pelos taboritas (17). Aqui, ao que tudo indica, Müntzer se sentiu chamado a fundar a Nova Igreja Apostólica.

Para melhor compreendermos a visão que Müntzer tem desta Nova Igreja Apostólica é bom compararmos seu conceito eclesiológico com o de Lutero. Lutero cunhou, de forma decisiva, o princípio “democrático” do sacerdócio universal de todos os crentes e, com este princípio, teve a alavanca para fazer vacilar a Igreja institucional e hierárquica de seu tempo, organizada de maneira visível, hierárquica, sendo organismo político e jurídico. A Igreja é, para ele, a livre reunião de todos os crentes em Cristo, a comunhão invisível dos que

(15) Walter Elliger, op. cit., pág. 66-73.

(16) Cf. Reinhard Schwarz, *Die apokalyptische Theologie Thomas Müntzers und der Taboriten*, (Tübingen 1977), pág. 15s.

(17) Cf. quanto a isso o todo da obra de Schwarz.

estão ligados pela fé e pelo amor. Caso só existissem cristãos, não mais haveria a necessidade de organismos políticos humanos; nenhum reino, Estado, lei ou organização civil. A Igreja, segundo Lutero, não surge, nem é mantida a partir dos indivíduos, mas a partir de algo objetivo que está fora deles e sobre eles: a Palavra. Para que esta Palavra seja corretamente ensinada e pregada surge novamente uma instituição exterior, visível, uma Igreja exterior, visível, no seio da qual existe a verdadeira Igreja, a Igreja invisível. Ao lado do culto de pregação da Igreja visível (nós hoje o chamaríamos de culto dominical), existe apenas uma única forma de culto: o serviço e o trabalho nas ordenações da vida normal: na profissão e no Estado, no matrimônio e na família. Estas ordenações da vida normal são praticamente incluídas no conceito de Igreja que encontramos em Lutero. Com isso o conceito luterano de Igreja abarca todos os setores da vida humana em comunhão (18).

Carl Hinrichs (19) mostrou, claramente, que em Müntzer não encontramos tal diferenciação no conceito de Igreja. Igreja é para ele, primordialmente, uma categoria sociológica para a vida humana em comunhão. Constitutivo para esta Igreja não é a realidade objetiva da "Palavra", que cria e forma o cristão, mas a experiência subjetiva do "Espírito", que "antes e sobre toda a tradição da escritura, dormita no indivíduo e tem que ser despertada" (20). Aqui temos a concepção de uma religião imanente que existe no coração humano, desde a criação do gênero humano, antes do surgimento de uma Escritura que contém a Palavra. O Espírito desta religião se manifestou nos Patriarcas e nos Profetas, em Cristo, nos Apóstolos e pode manifestar-se em todo o ser humano. Todos os seres humanos têm em si a possibilidade de possuir o verdadeiro Espírito; esta possibilidade torna todos os homens iguais, pois perpassa todas as classes e diferenças nacionais. A ação do Espírito elimina todas as diferenças não só diante de Deus, mas de fato, pois o Espírito cria uma comunhão dos por ele "eleitos" e, através desta comunhão, uma nova realidade social. Historicamente, Müntzer vê esta nova realidade social concretizada na comunhão sem classes e sem propriedade privada da comunidade primitiva de Jerusalém.

(18) Cf. quanto à eclesiologia de Lutero, Joachim Fischer, O conceito "Igreja" de Lutero segundo seus escritos "Dos Concílios e da Igreja" e "Contra Hans Worst", em: *Estudos Teológicos* 6. 1966(4), pág. 161-175; Mário L. Rehfeldt, *O desenvolvimento do conceito de Igreja de Lutero até 1521*, (Porto Alegre 1966); Hans Joachim Iwand, *Luthers Theologie* (Nachgelassene Werke, vol. 5), (München 1974), pág. 226-308.

(19) Carl Hinrichs, *Luther und Müntzer. Ihre Auseinandersetzung über Obrigkeit und Widerstandsrecht*, (Berlin 1952), pág. 44ss.

(20) Carl Hinrichs, op. cit., pág. 45.

Igreja é, para Müntzer, uma comunhão, sem classes e sem a existência de propriedade privada, dos "eleitos", através da posse do Espírito. Em outras palavras: **Igreja é um ideal social, onde inexistem Estado, classes, propriedade privada.** Quem exige este tipo de Igreja, o único verdadeiro, é o Espírito que age independentemente da Palavra; ele é inerente a todos os homens, é um princípio uniformizador de toda a vida, exigindo a uniformização de toda a vida social, segundo a vontade de Deus que pode ser conhecida por todos os homens. — Se compreendemos esta caracterização de Igreja, que encontramos em Müntzer, podemos ver por que ele não pôde aceitar a conceituação luterana que fala de Igreja visível e invisível, e que admite ao lado da visão de uma Igreja invisível a existência autônoma de Estado e Sociedade. "'Igreja' é para ele a união dos eleitos, através da experiência direta do Espírito e da Vontade de Deus, e o estado final perfeito da humanidade, sem instituição estatal, sem propriedade, realizado aqui na terra e que conclui ou encerra a história que até aqui ocorreu" (21). **Igreja é Reino de Deus implantado de maneira definitiva.** — Se compreendemos este conceito eclesiológico de Müntzer, podemos entender por que Lutero não o pôde acompanhar. Aqui havia um outro Espírito.

Em Zwickau surge, pois, um outro Müntzer, diferente de Lutero, adversário de Lutero. Em Zwickau Müntzer não consegue edificar sua Nova Igreja Apostólica. Contendas(22) levam-no a se dirigir a Praga. Em 1523 é chamado a se tornar pastor de Allstedt. As diferenças teológicas em relação a Lutero continuam a se evidenciar. Mesmo assim podemos constatar que, em muitos sentidos, Müntzer continua a assumir posicionamentos luteranos. Introduz o culto divino em língua alemã (23). Lutero só chegaria a isso em 1526. Em Allstedt Müntzer casa com uma ex-freira, Ottilie von Gersen, com quem teve um filho(24). Lutero faria o mesmo, em 1525, ao casar com Catarina von Bora. Vemos aqui atitudes paralelas entre o discípulo e o mestre.

Como pregador, em Allstedt, Müntzer atraía multidões. Tanto assim que inclusive de Estados vizinhos vinham grupos de pessoas para ouvir-lhe a pregação. Isso levou a que príncipes católicos se voltassem contra ele, proibindo a seus súditos viajar até Allstedt. Müntzer não deixou a questão passar em brancas nuvens. Dirigiu palavras vigorosas contra este príncipes. Lutero também o fez. Em Müntzer, porém, encontramos algo mais: Ameaçou os príncipes

(21) Carl Hinrichs, op.cit., pág. 46.

(22) Cf. Walter Elliger, op.cit., pág. 166ss.

(23) idem, pág. 252ss.

(24) idem, pág. 374ss.

católicos com oposição total, afirmando não mais reconhecê-los como autoridade! Aqui há diferença fundamental em relação a Lutero (25).

Müntzer se sabe incumbido por Deus como seu mensageiro. Logo no início de um seu escrito de 1524(26) em que apresenta sua doutrina, Müntzer faz referências a Malaquias 3 (Na versão de Almeida 4.5-6): "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais" (27). Ele se sabe enviado para chamar a cristandade à conversão, para que ela volte a ser o que foi nos tempos dos apóstolos e para que seja eliminada toda a "fé poesia".

Müntzer não era apenas teórico da fé, mas também prático da fé. A partir daí pode-se entender um outro fato, acontecido em Allstedt. Na cidade existia uma capela com uma imagem de Maria, da qual se dizia ter propriedades milagrosas. Certa noite, após uma série de ameaças, a capela estava em chamas. A questão foi denunciada às autoridades e Müntzer denunciado como responsável. Não se conseguiu provar a autoria do incêndio, mas as inflamadas pregações de Müntzer contra a capela não deixaram dúvidas quanto à autoria intelectual do atentado (28). Foi encaminhado inquérito, procurando pelos responsáveis. Este procedimento provocou a ira de Müntzer e evidencia, uma vez mais, a visão que ele tinha de si mesmo: Homem chamado a fazer uma reforma radical. É o profeta anunciado por Malaquias 3. Ele não consegue compreender que uma autoridade dita cristã ataque as pessoas que destruíram a morada de Satanás, a capela de Maria. A autoridade foi instituída, segundo Paulo, e a ela dada a espada para proteger os piedosos (no caso, aqueles que destruíram a capela) e para castigar os ímpios (aqueles que veneravam a imagem da capela). A autoridade deve obediência ao que foi escrito em Êxodo 23: Não defenderás o ímpio. Monges e freiras são ímpios. Como pode a autoridade defender monges e freiras que defendem o culto a Maria? Esta convicção, expressa em carta de junho de 1524(29), evidencia que a autoridade só é reconhecida como instituída por Deus, caso estiver disposta a se colocar ao lado de Müntzer e de seu Evangelho.

(25) idem, pág. 382-394, esp. 385ss.

(26) *Protestation odder empietung Tome Müntzers von Stolberg am Hartzs, seelwarters zu Alstedt, seine lere betreffende und zum anfang von dem rechten Christen glawben vnnd der tawffe.1524.* Elliger, op. cit., pág. 395.

(27) Cf. Walter Elliger, op. cit., pág. 394ss.

(28) idem, pág. 417ss.

(29) Carl Hinrichs, op. cit., pág. 15.

No decorrer do inquérito, Frederico, o Sábio, enviou seu irmão, João, o Constante, e o filho deste a Allstedt para ouvir pregação de Müntzer. Texto desta pregação foi Daniel 2, o sonho de Nabucodonosor (30). Talvez se possa perguntar: Por que Daniel 2 e não Rm 13? Basta lembrarmos o conteúdo de Daniel 2 para compreendermos porque Müntzer escolheu este texto ao ter que pregar diante de seu príncipe. Este texto é, para ele, resumo de sua teologia. Relembremos Daniel 2: O rei babilônico Nabucodonosor teve um sonho que o encheu de inquietação e de incerteza. Por isso, convocou seus magos, encantadores, feiticeiros e caldeus e, para prová-los e ver se tinham condições de lhe dar interpretação autêntica, proveniente de uma esfera supra-humana, exigiu deles que lhe dissessem o conteúdo e a interpretação de seu sonho. Caso não o conseguissem, seriam executados como mentirosos e charlatões. Os magos asseveraram que nenhum mortal está em condições de fazer tal coisa. Somente os deuses poderiam fazê-lo, mas estes não moram com os homens. O rei, então, ordena a matança de todos e esta ordem afeta também a Daniel, homem entendido em visões e sonhos, bem como a seus companheiros. Daniel, porém, pede e consegue, do rei, uma moratória; ora a Deus, pedindo revelação. A soberania do Deus judeu se evidencia, então, ao dar a Daniel a conhecer, em uma visão à noite, o sonho de Nabucodonosor e a sua interpretação. Daniel aparece diante do rei e narra-lhe o sonho: O rei viu uma grande estátua, cuja cabeça era de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre e os quadris de bronze, as pernas de ferro, os pés em parte de ferro em parte de barro. Sem auxílio de mão humana desprende-se de uma montanha uma pedra, atinge a estátua em seus pés de ferro e barro, fazendo com que desmorone, e seus pedaços são espalhados pelo vento como palha. A pedra que destruiu a estátua, transforma-se em grande montanha e enche toda a terra. A interpretação é: haverá quatro períodos na história, nos quais tudo vai piorando e ficando mais difícil. O autor de Daniel pensa nos reinos babilônio, medo, persa e grego. O fim deste último reino é "um reino dividido", o reino dos diadocos que não pode permanecer unido. Nesta última época encerra-se a sequência de reinos universais. Deus suscita um reino que destrói todos os demais e permanece eternamente. Ao ouvir a interpretação de Daniel, Nabucodonosor louva o Deus de Daniel como Deus dos deuses e Senhor dos reis, põe Daniel sobre todos os sábios e dá-lhe o governo da província de Babilônia. A pedido de Daniel, seus amigos são colocados no governo da província e ele permanece na corte do rei.

(30) Texto encontra-se em John Howard Yoder (compilador), *Textos escogidos de la reforma radical*, (Buenos Aires 1976), pág. 99-116.

Neste texto Müntzer encontra sua visão de história e também sua própria situação. De um lado encontra-se o governante, Frederico, o Sábio, homem sem muita segurança, cujos conselheiros (Lutero e asseclas) não conseguem mostrar-lhe o caminho a ser seguido. Não o conseguem por não crerem em inspiração direta do Espírito, oferecendo tão somente interpretações não inspiradas da Escritura. De outro lado encontra-se Daniel-Müntzer que ainda tem contato direto com a revelação direta e que, por isso, está em condições de dar interpretação correta da situação histórica que se atravessa.

A pregação sobre o texto de Daniel 2 está subdividida em quatro partes.

1. Na primeira parte, Müntzer desenvolve a concepção de que a história da Igreja é a história da progressiva deteriorização de uma situação inicial ideal. Cristo e seus apóstolos e, antes deles, os profetas, deram início a uma cristandade pura, mas seus sucessores foram maus servidores da Igreja que não tiveram o fervor necessário para levar a cabo o que o Cristo iniciara. A Igreja iniciada logo estava em ruínas (31). Esta concepção é introduzida por Müntzer no esquema da história universal que encontra em Daniel 2. Cristo é para ele o monte da visão que Daniel tem a respeito da história. Deste monte desprende-se, sem o concurso de mão humana, uma pedra, destinada a pôr fim à história, ao destruir o último reino (32). Esta pedra é o Espírito de Cristo que rola através do último período da história. A montanha, Jesus Cristo, nasceu numa época em que "reinava a pior das escravidões..., na época de Otávio, quando todo o mundo estava em movimento e era recenseado". Naquela época "um espírito débil (Augusto), miserável saco de lixo (Drecksack), quis apoderar-se do mundo inteiro, mesmo que este não lhe servisse mais que para esplendor e vaidade. Sim, chegou a imaginar que somente ele era grande" (33). Em contraposição: "Ó, que pequena era, então, a pedra angular, Jesus Cristo, aos olhos dos homens. Foi empurrado para um estábulo como um dejetos humano" (34). O Espírito por ele enviado, a pedra que se soltou do monte, na época não pôde cumprir sua missão de exterminar a última monarquia. "A pedra ainda não encheu toda a terra" (35), pois o fervor de seus servos esmoreceu. Em consequência, a pedra foi detida pelos príncipes. Com isso foi iniciado o quinto período da história,

(31) Yoder, op. cit. pág. 100a.

(32) idem, pág. 101.

(33) idem, pág. 101a.

(34) idem, pág. 102.

(35) idem, pág. 101.

portador do estigma da decadência, denominado por Müntzer de "tempo do mundo dividido"(36). Este "tempo do mundo dividido" é a época da dilaceração da cristandade em dois poderes: Igreja e Estado e da ligação da Igreja com o poder secular. Desde então vem-se representando a peça teatral da paixão (crítica ao sacrifício da missa) e o "Cristo crucificado real" foi transformado "em ídolo assaz enganoso"(37). Os pobres camponeses foram iludidos com respeito ao verdadeiro significado do Espírito de Cristo, pois "em seu lugar foi colocada uma beia, delicada e áurea divindade, ante a qual os pobres camponeses ficam se babando" (38). "A besta do ventre... e os porcos" pisotearam "a pedra preciosa" de tal maneira que ela se transformou em "refugo". Com estas expressões Müntzer quer evidenciar que com a ligação da Igreja com o Estado, a Igreja, originalmente pura, se viu degradada à função de sustentáculo do Estado e do sistema fundiário vigente. Com seu mágico culto cerimonial, com seu culto às imagens ela ocultou aos pobres e oprimidos o verdadeiro caráter revolucionário do Espírito de Cristo. Diante desta constatação, Müntzer apela aos príncipes: "Por isso, amados irmãos, devemos ressurgir desta imundície e ser verdadeiros discípulos de Deus, ensinados por Deus... E assim necessitaremos de uma grande e poderosa força que nos será dada de cima, para castigar e debilitar a esta indizível maldade". Deve-se usar "mão poderosa contra os inimigos de Deus".

2. Na segunda parte Müntzer continua a desenvolver sua reflexão a respeito do desprezo e da adulteração da "pedra" e demonstra que esta abominação não é apenas uma característica da velha Igreja, do catolicismo romano, mas também se seus novos adversários, os astutos escribas semelhantes a Lutero(39). Para que se possa reconhecer esta realidade tem que se ter certeza da revelação diária de Deus, revelação que ele faz no tempo presente. Condição para tanto é o temor de Deus (40). É a experiência da severidade e do rigor de Deus e da exigência incondicional de sua lei, o "espanto" da alma humana, quanto a seu estado de enredamento no mundo, que a torna receptível à revelação de sua vontade. Ela somente é pura quando elimina todo o temor diante de homens e criaturas que querem impedir a realização da vontade divina(41). Por isso, os príncipes são conclamados a "nesses perigosos dias empregar o máximo zelo... para resistir a este insidioso mal".

Por que os dias atuais são perigosos, por que os dias são maus? Porque "a pobre gente ignorante" está sendo novamente

(36) idem, pág. 101.

(37) idem, pág. 102.

(38) idem, pág. 102.

(39) idem, pág. 103.

(40) idem, pág. 103.

(41) idem, pág. 103.

enganada "por escribas ímpios" que "ensinam e dizem que Deus já não revela seus segredos divinos a seus queridos amigos, por meio de visões verdadeiras ou de sua palavra audível... e fazem objeto de burla os homens que se ocupam com a revelação". Cheios de deboche perguntam: "Ouve! Deus andou te dizendo alguma coisa ultimamente? ou: Interrogaste ultimamente a boca de Deus e celebraste conselho com ele? Tens o Espírito de Cristo?" (42). O perigo dos dias atuais reside no fato de que a fé de Lutero, baseada na letra morta, sem experiência do Espírito, é vendida como o que há de mais novo, enquanto que a fé realmente nova de Müntzer, sua experiência da ação direta do Espírito, com todas as suas consequências revolucionárias é desprezada e impedida de se concretizar. Lutero e seus colaboradores são comparados com os sábios de Nabucodonosor que não souberam dar explicações ao rei por não crerem em Deus e em suas revelações diretas: "Não tinham fé em Deus; eram ímpios, hipócritas e adutores que diziam o que seus senhores queriam ouvir, como os escribas de nossa época que gostam de comer delicados manjares na corte" (43).

3. Na terceira parte, Müntzer desenvolve, em rápidos traços, sua concepção do ouvir da palavra interna no "abismo da alma", sem o que nenhum homem pode dizer algo profundo a respeito de Deus "ainda que haja devorado cem mil Bíblias" (44). A verdadeira palavra não se encontra nem na letra da Escritura, nem na "luz natural" da razão, mas no coração humano e o homem somente se apercebe dela quando Deus lhe envia "o impulso" ao coração. Este "impulso" é cruz, necessidade, aflição. Através desse "impulso" Deus mata "os apetites carnis", "afasta todas as diversões" e o homem está "resolutamente disposto para a verdade" (45).

4. Na quarta parte temos o centro da pregação. Nela Müntzer reúne sua teologia do Espírito com sua visão da história, chegando a uma aplicação político-revolucionária. Aqui temos a síntese de seu pensamento. — Inicialmente Müntzer complementa sua idéia de que nenhum homem com "apetites carnis" pode entender a palavra de Deus que quer se manifestar em seu íntimo (46). "Porque os espinhos e cardos, isto é, os prazeres deste mundo... afogam todo o efeito da palavra que Deus diz à alma. Por isso, ainda que Deus diga à alma sua sagrada palavra, o homem não a ouvirá, se não se houver exercitado, porque não se volta para dentro de si mesmo, nem vê dentro de si e nos abismos de sua alma. O homem não quer crucificar sua vida com seus vícios e desejos, como ensina Paulo...

(42) idem, pág. 103s.

(43) idem, pág. 105.

(44) idem, pág. 107.

(45) idem, pág. 107.

(46) idem, pág. 107s.

Por isso, a lavoura da palavra de Deus está cheia de cardos, de espinhos e de grandes arbustos, todos os quais têm que ser arrancados para esta obra divina, a fim de que o homem não seja considerado negligente ou preguiçoso" (47). Os vícios e desejos deste mundo são riqueza, glória, honra poder; estes têm que ser arrancados. É o chamado à revolução(48). "A fertilidade do campo e, por último, a abundante produção" dependem desta revolução. Quando forem arrancados, eliminados, riqueza, glória, honra, poder, "somente então o homem cobra consciência de que ele é morada de Deus e do Espírito Santo por toda sua vida, mais ainda, que realmente só foi criado para inquirir os testemunhos de Deus em sua própria vida" (49). O alvo da revolução é levar o homem a sua verdadeira finalidade. Esta é para Müntzer uma vida com e em Deus. A mudança das condições políticas e sociais vigentes criará a possibilidade para a redenção da humanidade do mal. Havendo mudança das condições externas de vida, ocorrerá também a mudança interna. Müntzer pergunta: "Pois, se a cristandade não tivesse que ser apostólica,... para que se prega?" (50).

Müntzer faz uma série de considerações a respeito de como se reconhece visões e sonhos autênticos(51), para acentuar que sonhos e visões autênticos está novamente agindo o Espírito profético que revela as intenções de Deus para com a história. Pois a evidenciação do Espírito profético é a característica clara e evidente de que a transformação do mundo ocorre logo, especialmente quando ele se manifesta entre os desprezados e pequeninos, na massa do povo. Básica para esta afirmação de Müntzer é a passagem de Joel 2.27-32: "Sabereis que estou no meio de Israel, e que sou o Senhor vosso Deus e não há outro; e o meu povo jamais será envergonhado. E acontecerá que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões; até sobre os servos e sobre as servas derramarei o meu Espírito naqueles dias. Mostrarei prodígios no céu e na terra; sangue, fogo, e colunas de fumo. O sol se converterá em trevas e a lua em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". Este texto traz para Müntzer a visão da revolução social. Ela provém do Espírito livre de qualquer tradição que se derrama "sobre toda a carne", sobre todos. – Müntzer sabe que este texto está citado em Atos 2, mas não foi no cristianismo primitivo que ocorreu o fim da história. Os sucessores dos apóstolos foram preguiçosos e, por isso, o Espírito não foi

(47) *idem*, pág. 108.

(48) Cf. Carl Hinrichs, *op. cit.*, pág. 52s.

(49) Yoder, *op. cit.*, pág. 108.

(50) *idem*, pág. 110.

(51) *idem*, pág. 108s.

derramado "sobre toda a carne". Agora, nos dias de Müntzer, chegou o momento de que fala Joel. "É verdade, diz Müntzer, e sei que é certo que o Espírito de Deus está revelando a muitos homens retos, eleitos, que é mui necessária uma profunda, inevitável reforma vindoura e que esta deve ser levada a cabo, ainda que cada qual se defenda como quiser" (52). A veracidade desta constatação de Müntzer é comprovada por Daniel 2: Ele atesta que o momento esperado é chegado: "Este texto de Daniel é claro como o sol e o processo do final do quinto reino do mundo está em pleno avanço".

Müntzer passa a descrever o desenrolar dos diversos períodos(53). O primeiro reino, representado pela cabeça dourada, foi o da Babilônia. O segundo, com peito e braços de prata, é o reino dos medos e persas. O terceiro foi o reino dos gregos que se tornou conhecido "por sua inteligência (simbolizada pelo bronze)". O quarto foi o império romano "que foi conquistado com a espada e foi um reino de coerção" (imperialismo e absolutismo). Müntzer vê nos pés da estátua um quinto reino: "Mas o quinto é este que temos ante os olhos, que também é de ferro e também queria aplicar a coerção. Mas está remendado com barro (Kot)". Interpreto: O Estado com o qual Müntzer se vê confrontado é um Estado de coerção, tal qual o romano, mas está remendado com elementos pretensamente cristãos: "remendado com as vãs pretensões da hipocrisia que rasteja e pulula por sobre a terra". A mistura de secular e espiritual que se encontra neste reino é descrita por Müntzer: "Agora se vê como as enguias e víboras, amontoadas, se unem entre si. Os monges e todos os maus sacerdotes são víboras... e os senhores temporais e governantes são enguias". Aqui o Senhor vai fazer limpeza "com uma vara de ferro!".

Feita esta exposição, Müntzer parte para a aplicação: "Por isso, amadíssimos e estimados príncipes, recebei vosso juízo diretamente da boca de Deus e não vos deixeis desorientar por vossos hipócritas clérigos (referência a Lutero), nem sejais detidos por uma falsa consideração e indulgência. Porque a pedra arrancada, não com mão, da montanha cresceu. Os pobres leigos e camponeses vêem-na com muito maior clareza que vós" (54). Aqui está a evidência: O povo recebeu o Espírito, os governantes estão impotentes. Nesta constatação está um estímulo e ameaça para os príncipes saxões: "Sim, louvado seja Deus, (a pedra) tornou-se tão grande que se outros senhores ou vizinhos vos quiserem perseguir

(52) idem, pág. 110.

(53) idem, pág. 110s.

(54) idem, pág. 111.

por causa do Evangelho, seriam combatidos por seu próprio povo. Sei-o com certeza. Sim, a pedra é grande. O mundo estúpido assustou-se ante ela. Ela atacou-o quando ainda era pequena. Que faremos agora que se tornou tão grande e poderosa e que bateu com força incontível contra a estátua?" (55). Com uma autoconfiança incrível Müntzer convoca os príncipes saxões a assumir a causa da pedra que está destruindo a estátua: "Por isso, estimados príncipes da Saxônia, firmai-vos com decisão sobre a pedra angular... e buscai a verdadeira firmeza proporcionada pela vontade divina... Porque Deus está tão próximo de vós que não o podeis crer. Por que haveríeis de vos horrorizar ante o fantasma do homem?" (56). Müntzer está convicto de que se os príncipes reconheceram o verdadeiro estado em que se encontra a cristandade ficarão tão furiosos como o rei Jeú que exterminou as dinastias de Israel e Judá. Esta fúria deverá aliar-se à ira do povo. Para que isso ocorra tem que surgir um novo Daniel que interprete a revelação que os príncipes receberam, "e ele deve marchar à frente" (57). Que devem os príncipes fazer? "Não outra coisa que apartar os perversos que se opõem ao Evangelho e eliminá-los, se não quereis ser realmente filhos do demônio, ao invés de servidores de Deus". A autoridade somente é ministro de Deus (Rm 13!) quando elimina os maus. Esta é a ordem de Cristo (Lc 19.27): "Quanto a esses meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e executai-os na minha presença". Müntzer é incisivo: "Se vós quereis ser bons governantes, deveis iniciar o governo desde as raízes e como Cristo o ordenou. Afugentai a seus inimigos de entre os eleitos! Pois vós sois o meio para esse fim. Amados, não vos deis excusas ocas, como a de que o poder de Deus deve fazê-lo, sem a intervenção de vossa espada!" (58). Estas colocações são claramente contra a exegese de Lutero! A este Lutero não se deve dar ouvidos. O que vale é: "O homem ímpio não tem direito de viver, onde estorva os justos". Caso os príncipes derem ouvidos aos escribas luteranos e se negarem a usar sua espada em favor dos piedosos "eleitos", contra os "maus", mudando as condições de vida, como o exige Rm 13, "a espada lhes será tirada" (59).

Müntzer faz propostas concretas para a ação dos príncipes. Inicialmente eles devem oferecer a paz aos "inimigos" do Evangelho, lembrá-los da verdadeira palavra de Deus e procurar convencê-los (60). Se não se opuserem à revelação de Deus, devem ser poupados, "mas se se opõem a ela, que sejam degolados sem

(55) idem, pág. 111.

(56) idem, pág. 111.

(57) idem, pág. 112.

(58) idem, pág. 113.

(59) idem, pág. 115.

(60) idem, pág. 115.

clemência, assim como Ezequias, Josias, Ciro, Daniel e Elias exterminaram os profetas de Baal. Não há outra maneira de a Igreja cristã voltar a suas origens"(61). Aqui vemos o que Müntzer quer: a volta da humanidade a um estágio social que já houve no passado, se bem que passageiramente, "o comunismo do amor" da cristandade primitiva. Para que este alvo seja alcançado devem ser eliminados todos aqueles que se opõem à vontade de Deus. "Tem que se arrancar a cizânia do horto de Deus, quando chegar a época da colheita. Então o formoso trigo vermelho adquirirá boas raízes e crescerá devidamente. Mas os anjos que para isso afiam suas foices são os sérios servidores de Deus que executam a ira da sabedoria divina"(62). Os cheios de Espírito provocam o fim da história.

Nesta pregação de Müntzer se evidencia que ele quer a revolução e não a evolução pregada por Lutero. O fim da velha Igreja não deve ser confiada apenas à "palavra". Finda esta velha Igreja, deve surgir uma nova ordem social. Por isso a lei divina exige que se "mate aos governantes ímpios, especialmente os freis e monges que nos infamam o Evangelho como uma heresia"(63). Para que a verdade vença, os príncipes devem agir assim com Nabucodonosor no final de Daniel 2. Ali Nabucodonosor põe Daniel sobre todos os sábios e dá-lhe o governo da província de Babilônia. Com isso Müntzer aponta para si próprio: Ele liderará a revolução. A pregação encerra com a exclamação: "Se temos a Deus, por que haveríamos de atemorizar-nos ante pessoas relaxadas e incapazes? Sede audazes! O governo será d'Aquele a quem foi dado todo o poder no céu e na terra; que Ele, amadíssimos, vos proteja para sempre. Amém" (64).

Desde o início desta exposição venho comparando Lutero e Müntzer. Também aqui cabe uma comparação, pois é na questão do resistir à autoridade que o conflito entre Lutero e Müntzer se agudiza. Na 2ª parte de seu escrito "Da Autoridade Secular"(65) Lutero também fala de resistência à autoridade. Lutero chama à desobediência contra os tiranos, quando eles agem contra o Evangelho, contra a verdade. No entanto, seus direitos de governantes não deveriam ser atingidos. No tocante a questões seculares Lutero está disposto a obedecer ao pior dos tiranos. A tirania merece castigo, mas é a Deus quem compete impor tal castigo. Müntzer vai além: Se a autoridade negar obediência ao Evangelho

(61) *idem*, pág. 115.

(62) *idem*, pág. 115.

(63) *idem*, pág. 115.

(64) *idem*, pág. 116.

(65) Martin Lutero, *Da autoridade secular. A obediência que lhe é devida*, (São Leopoldo 1979), pág. 43ss.

(de Müntzer!), deve-se negar-lhe toda a obediência e liquidá-la.

A pregação de Müntzer foi publicada. Não se sabe nada da reação dos príncipes a esta pregação. Aparentemente eles não se opuseram à sua publicação. Lutero, porém, veio a público com a publicação de sua "Carta aos príncipes da Saxônia a respeito do espírito da reboldosa". Na "Carta" Lutero se distancia claramente do cristianismo "espiritual" de Müntzer e de seu espírito revolucionário. A ruptura com Müntzer foi definitiva. Para Müntzer a ruptura foi um desastre. Seus paroquianos abandonaram-no. Müntzer não conseguiu mais lugar de trabalho. Houve tentativa de se estabelecer em Mülhausen, mas esta tentativa fracassou por causa da polêmica de Lutero e das pressões das autoridades. Do Sul veio a negativa dos anabatistas (66). Müntzer viaja para o Sul da Alemanha, faz publicações. Em fevereiro de 1525 retorna a Mühlhausen, onde se torna pastor (67). Durante suas viagens teve contatos com a incipiente revolta dos camponeses. Retorna convicto de que a hora do novo é chegada. Sua vida está determinada pela ação, fazendo convocações para a "luta do Senhor", para a guerra santa. Ele anuncia o juízo de Deus diretamente: "O Deus eternamente vivo nos ordenou destronar-te com a força que nos foi outorgada" (68), escreve ele a Ernesto de Mansfeld. Exorta os camponeses a não ter piedade: "Adiante, adiante, enquanto o fogo ainda arde. Não permitais que vossa espada perca a cor do sangue". É utópico quanto às possibilidades dos camponeses: "Mesmo que houvesse apenas três de vós que, entregues a Deus, só buscassem seu nome e honra, não temeríeis a cem mil" (69). Müntzer assina suas cartas com as palavras: "Thomas Müntzer com a espada de Gideão" (70). Ele é o "servo de Deus" (71), profeta do juízo, líder dos "eleitos", profeta da guerra, baseando-se na guerra santa e nos guerreiros de Israel: Josué, Elias, Davi e Gideão.

Nos últimos cinco meses de sua vida é um homem amargurado, cheio de ódio. Lutero rompeu com ele em 1522, os príncipes da Saxônia não lhe deram ouvidos, outros dele se afastaram. Em sua visão "profética", ele se afasta dos príncipes e se volta ao povo. O

(66) Cf. Yoder, op. cit., pág. 131-142.

(67) Heinrich Bornkamm, *Martin Luther in der Mitte seines Lebens. Das Jahrzehnt zwischen dem Wormser und dem Augsburger Reichstag*. Aus dem Nachlass herausgegeben von Karin Bornkamm, (Göttingen 1979), pág. 164.

(68) Carta a Ernesto de Mansfeld, em: Yoder, op. cit., pág. 127.

(69) Carta aos camponeses, em: Yoder, op. cit., pág. 125.

(70) Yoder, op. cit., pág. 126.

(71) idem, pág. 124.

povo camponês está agitado, está se organizando. Neste povo Müntzer vê o sinal dos tempos. É o sinal para edificar a Igreja espiritual e eliminar os ímpios. Müntzer transforma-se no mais importante agitador e pregador dos camponeses da Turíngia. Para liderar os camponeses, porém, faltava-lhe todo e qualquer conhecimento militar e político. Aqui ele foi de um diletantismo total. Liderou os camponeses na batalha de Frankenhausen. Levaram oito pequenos canhões, mas nada de munição! Ao invés da munição Müntzer ordenou que se levasse diante dos camponeses uma espada e uma grande bandeira de seda branca, sobre a qual estava desenhado o arco-íris, sinal da aliança de Deus com os eleitos. Antes da batalha os príncipes exigiram que Müntzer lhes fosse entregue. Entregue Müntzer, não haveria batalha; os camponeses poderiam voltar para casa. Müntzer pregou, inflamado. Os camponeses não o entregaram. Durante a pregação apareceu, no céu, o arco-íris. Era o sinal da presença de Deus. Os camponeses começaram a cantar: "Veni sanctus spiritus". Na batalha foram mortos 5000 camponeses e 6 soldados das tropas dos príncipes. Müntzer foi aprisionado, torturado e decapitado a 27 de maio de 1525. Pouco antes de ser decapitado, Müntzer pediu que os príncipes não fossem tão duros com os camponeses e concluiu, dizendo "leiam libros Regum", leiam os livros dos Reis. A referência aos livros dos Reis é clara: Deus não permite que zombem dele. Ele vai acabar com a atividade daqueles que não obedecem à sua vontade. Deus não quer um mundo de injustiça e de tirania. Ele quer ser reconhecido como único Senhor. Müntzer admoesta os príncipes com a referência a *libros Regum* a que não pensem que a derrota dos camponeses, o não de Deus aos camponeses, seja um sim ao governo contrário à vontade de Deus, o governo dos príncipes. (71a)

III.

Thomas Müntzer um profeta? Certamente ele próprio se entendeu como tal. A maneira de ele se apresentar certamente nos evidencia esse fato. No entanto, sempre de novo se tem questionado sua tarefa profética. Lutero viu nele o profeta do assassinato, o espírito da reboaldosa. Estava convicto de que ele não era o profeta que queria ser. Lutero via em Müntzer nada mais que loucura e autoconvencimento. Para ele o Espírito, no qual Müntzer se baseava para fazer suas pregações, não era o Espírito de Deus. Para Lutero a atuação do Espírito estava ligada à Palavra. Para Müntzer aquilo que

(71a) Walter Elliger, op. cit., pág. 821s.

está escrito em livros não é palavra de Deus; para se saber, se aquilo que está contido na Bíblia é palavra de Deus, tem que se ter revelações(72). Lutero vê nele, no máximo, um profeta apocalíptico.

Franz Lau, tomando como critério Jeremias 28, vê em Müntzer um falso profeta, porque sua palavra não se cumpriu(73). Para uma avaliação de Müntzer, no entanto, parece-me que tanto as colocações de Lutero quanto de Lau não bastam. Insuficientes são também as avaliações marxistas, nas quais não entro aqui. Uns e outros são parciais na avaliação de Müntzer.

Hans-Jürgen Goertz aponta, com razão, para as raízes místico-espiritualistas em Müntzer, especialmente para as influências vindas de Tauler(74). Ele quer a "fé experimentada", através da ação direta de Deus no homem, e volta-se contra a "fé poesia" ("gedichteter Glaube") dos reformadores. Para ele os reformadores não querem reforma verdadeira, pois somente quem foi ensinado diretamente por Deus pode querer fazer Reforma da teologia, da Igreja e da Sociedade (75).

Sabendo-se ensinado por Deus é que Müntzer viu a necessidade de mudanças radicais de que estava carente a estrutura social e de domínio de sua época. Ele sabia que o homem chamado à fé está inserido e submetido a estruturas da sociedade. Nesta sociedade vale lucro, ganho, honra, glória. Tudo coisas que somente a Deus competem. Esta sociedade é contra Deus. A "Fé poesia" que Müntzer encontra tanto na Igreja romana, quanto em Lutero e seus seguidores legitima a situação de poder e de sociedade existente. Müntzer vê como, em sua sociedade, o Estado ajuda a Igreja e como a Igreja ajuda o Estado, um legitimando as atrocidades do outro. Por isso ele é anticlerical.(76). E também contra o Estado existente. Müntzer se vê diante da necessidade de estourar com a ideologia da cristandade. Igreja e Estado estão a impedir a verdadeira Reforma (77). Para ele, quando ocorre a "conversão" interna, provocada por Deus diretamente no indivíduo, tem que ocorrer também a "conversão" externa. A revolução no indivíduo, que é a mudança provocada

(72) Bernhard Lohse, Luther und Müntzer. em: Luther, Zeitschrift der Luther-Gesellschaft 45, 1974 (Göttingen), pág. 22.

(73) Franz Lau, Die prophetische Apokalyptik Thomas Müntzers und Luthers Absage an die Bauernrevolution, em: Abraham Friesen e Hans-Jürgen Goertz, Thomas Müntzer (WdF CDXC1), (Darmstadt 1978), pág. 14: "Dass mit dem Ausgang des Bauernkrieges über Müntzers prophetische Sendung entschieden war, sollte eindeutig sein."

(74) Hans-Jürgen Goertz, Der Mystiker mit dem Hammer (cf. nota 2), pág. 411.

(75) idem, pág. 412.

(76) Neste ponto ele não está só. É acompanhado pelos anabatistas e pelos humanistas.

(77) Cf. acima minha exposição a respeito da prédica ante os príncipes.

por Deus nele, quando fala a ele diretamente pelo Espírito, corresponde a revolução, a mudança na sociedade, na Igreja. A realidade de seu tempo, porém, é a de que a Igreja, ligada ao Estado, está a impedir a "conversão" do indivíduo (ela coloca ídolos a sua frente para que ele se baboseie!), para impedir, com isso, também a mudança, a "conversão" externa. Para ele conversão interna e conversão externa estão intimamente ligados. Somente o "eleito" está realmente em condições de mudar o mundo e de chamar outros para a mudança do mundo. Com esta mudança surge o Reino de Deus. O Reino de Deus no mundo, contudo, vem do Reino que está no coração do homem. Com isso, o discipulado é um ato místico-revolucionário. O caráter individual da conversão interna não leva a um apoio das estruturas externas, ou a um indiferentismo em relação a elas, mas à conversão das mesmas.

O esquema de Müntzer é belo: Conversão interna leva à conversão externa. Na prática este esquema não vingou. Caso seguissemos a Franz Lau, o resultado da pregação de Müntzer, seu fracasso na revolta dos camponeses, seria a condenação de sua teologia. Não podemos ser tão simplistas. Houve muitos fatores não teológicos que levaram ao fracasso de seu pensamento. Para mim, no entanto, Müntzer sucumbiu ante o Evangelho que para ele era exigência de Deus e não possibilidade de vida. Não é por acaso que o conceito da graça de Deus, revelado no Evangelho, faltou em nossa exposição. Ele não é central para Müntzer. Evangelho é para Müntzer luta contra o pecado no interior e no exterior. A sociedade, o "mundo" são vistos tão somente como determinados pelo pecado. É certo que existe este aspecto na realidade da linguagem bíblica, mas não só ele. "Mundo" é para a Bíblia também aquele âmbito que foi dado por Deus ao ser humano e a ele confiado, para nele e em suas estruturas servir a Deus e comprovar a fé individual e socialmente. "Müntzer absolutizou o traço negativo da interpretação bíblica do mundo e não levou em conta o fato de que Deus também amou o mundo, aceitando-o em seu filho (Jo 3,16)" (78). Com isso ele não conseguiu ver a realidade social sob o aspecto da liberdade que Deus dá, liberdade esta que quer levar a uma libertação abrangente do ser humano. Por outro lado também não conseguiu anunciar o juízo de Deus sobre os ímpios e eleitos, sobre seres humanos, instituições e formas de governo. Müntzer quis unir mundo e Reino de Deus e, com isso, fugiu à realidade. Com isso ele não conseguiu nem libertar os camponeses da servidão, nem mostrar um caminho para a libertação. Por outro lado também

(78) Hans-Jürgen Goertz, op. cit. (nota 2), pág. 429.

não soube pregar a respeito do Reino vindouro. Anunciou juízo, mas não soube falar da graça de Deus.

O todo da teologia de Müntzer mereceria uma análise mais profunda. Não tenho condições de fazer aqui uma apreciação crítica final de sua teologia. O esforço de Müntzer mereceria tal apreciação. Que os leitores me perdoem.

Concluo com uma constatação. Thomas Müntzer não é um profeta no sentido bíblico. Ele é místico e apocalíptico. Em sua teologia, no entanto, ele fica sendo profeta para nós, mesmo que esta teologia tenha sido catastrófica para ele e para aqueles a quem quis auxiliar. Müntzer descobriu que o senhorio de Deus não pode ser concebido sem a libertação interna e externa do povo. Parece-me que Müntzer descobriu que é necessário unir aquilo que nós hoje costumamos dividir. Para nós vale: ou se converte as estruturas ou se converte o homem. "Müntzer descobriu que o coração do homem é um problema da estrutura... e que as estruturas... são um problema do coração" (79).

Quando nós falamos da função da Igreja em seu relacionamento com o Estado, temos que ouvir de Müntzer a admoestação de que facilmente a Igreja pode transformar-se em sustentáculo do Estado. Ela pode concentrar-se em cerimoniais, cultos a imagens, dopando o povo, ocultando-lhe o caráter revolucionário do Evangelho, por mim, aqui entendido como a doutrina da justificação.

(79) idem, pág. 434.